

## REPRESENTAÇÕES DA HISTERIA.

### ARTE E CIÊNCIA A PARTIR DA “ICONOGRAPHIE PHOTOGRAPHIQUE DE LA SAL-PÊTRIÈRE”

Éder Silveira (UFCSPA)  
Doutor em História pela UFRGS  
Pós-doutorado em História pela USP

A partir do século XVI, tornada corrente e aceita a prática da dissecação como parte do estudo da anatomia, o conhecimento sobre o corpo humano e seu funcionamento torna-se uma obsessão que em muito transcendia o campo científico.<sup>1</sup> Ao longo dos séculos XVI e XVII popularizam-se os teatros anatômicos e as sessões públicas de dissecação como aquela imortalizada por Reembrandt na *A Lição de Anatomia do Dr. Tulp* (De Anatomische les van Dr. Nicolaes Tulp), óleo sobre tela de 1632, tema tornado recorrente na iconografia europeia, especialmente nos Países Baixos.<sup>2</sup>

Os avanços no campo da anatomia, somados à expansão territorial europeia, responsável pela ampliação dos “tipos humanos” conhecidos, rapidamente levou os médicos-cientistas a se voltar para o estudo da morfologia dos povos e, em decorrência, à tentativa de estabelecer parâmetros para a comparação, produzindo novos saberes, inscritos sobre a fronteira entre a medicina, a história natural e a nascente etnografia.

O surgimento da craniometria, no século XVIII, fruto dos estudos de pesquisadores tais como Camper e Spurzheim, logo seguida pela frenologia, cujo autor mais conhecido é Franz Joseph Gall, acenou com métodos aparentemente confiáveis para o estudo das diferenças entre povos e sexos, bem como das emoções humanas e da inteligência, tornando-se um dos principais caminhos para o estudo da morfologia comparada dos diferentes grupos étnicos até então conhecidos. A craniometria, em primeiro lugar, recebeu ampla popularização, que transcendeu em muito o campo médico, em função da facilidade com que permitia afirmar a suposta superioridade do europeu

---

1 Sobre a história da anatomia desde Vesalius, ver: RIFKIN, Benjamin A.; ACKERMAN, Michael J. and FOLKENBERG, Judith. *Human Anatomy. Depicting the Body from the Renaissance to Today*. London: Thames and Hudson, 2006

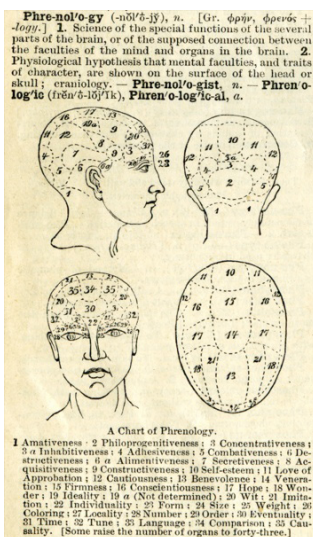
2 Sobre Reembrandt, ver: ALPERS, Svetlana. *O Projeto de Reembrandt*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012; KRUGER, Lawrence. The Scientific Impact of Dr. N. Tulp, Portrayed in Rembrandt’s “Anatomy Lesson”. *Journal of the History of the Neurosciences: Basic and Clinical Perspectives*. [Volume 14](#), [Issue 2](#), 2005

dolicocéfalo com relação ao africano ou asiático por conta de diferenças entre as formas do seu crânio, indícios de diferentes estágios de desenvolvimento.<sup>3</sup>

Um importante desdobramento desse campo de conhecimento, ainda no século XVIII, é a fisionomia, o estudo de suas formas humanas e as relações dessas formas com o temperamento, a inteligência e a propensão ao crime. O marco nos estudos fisionômicos é a obra *Études de physiognomie*, de Lavater, responsável por impulsionar os supramencionados estudos.<sup>4</sup>

É importante que seja sublinhado, se por um lado, em poucas décadas a craniometria e a fisionomia seriam lembradas como um artifício empregado por charlatães, por outro, a frenologia teve uma maior aceitação no meio acadêmico. Para inúmeros autores, Gall pode ser lembrado como o pioneiro nos estudos da localização de regiões cerebrais e de suas funções, paradigma que mostrou força, com altos e baixos, até o século XX.<sup>5</sup>

Todos esses esforços convergiam na necessidade de catalogação, raciocínio em série, identificação. Armas para o olhar do médico, para a definição de séries, para o estabelecimento de normalidades e estados patológicos a partir do conhecimento de elementos que caracterizam um corpo doente, corpo que precisava ser conhecido, esquadrinhado, representado.



Página de um dicionário de 1859 aberto no verbete “frenologia”.

3 Sobre esse aspecto, ver: GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 15-62.

4 DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. No tocante aos estudos de Lavater sobre a fisionomia e as suas relações evidentes com o emprego da fotografia, em especial dos retratos, e o estudo da loucura, Georges Didi-Huberman destaca, em diálogo estreito com textos de época: “Lavater aumento, ciertamente, el alfabeto, y también otras cosas. Desde la década de 1820 (época de la nueva edición, realizada por Moreau, de la obra de Lavater em diez volúmenes), Esquirol había pedido a Gabriel, dibujante y discípulo del excelso fisionomista, que bosquejara para él algunos locos y locas: “El estudio de la fisiognómica de los alienados no es un objeto de fútil curiosidade”, escribía Esquirol, “esto ayuda a desenredar el carácter de las ideas y de las afecciones que sustentan el delirio de los enfermos... Com esa intención, he hecho dibujar más de 200 alienados. Tal vez llegará el día en que publique mis observaciones sobre esta materia”... DIDI-HUBERMAN, Georges. *La invención de la histeria*. Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière. Madrid: Cátedra, 2007. p. 57.

5 Darmon, Gould, Damásio.

Aquilo que já era perceptível nos estudos sobre a craniometria e a frenologia e que será explícito no caso dos estudos de fisionomia, a saber, o interesse pelas imagens, terá no século XIX um salto quantitativo e qualitativo, possibilitado pela introdução de um meio técnico de criação e reprodução de imagens, a fotografia. Desde o seu desenvolvimento, a fotografia esteve envolta em disputas pela definição do seu papel e de sua natureza. Se no meio artístico, ela foi questionada por um número expressivo de críticos e artistas, por ser vista como um meio técnico de obtenção de imagens, portanto inferior aos suportes mais tradicionais como o desenho e a pintura, teve a sua plena aceitação nesse campo retardada por algumas décadas. No entanto, no campo científico, a sua aceitação parece ter sido mais rápida e entusiástica.

Neste ponto, cabe destacar uma passagem de Didi-Huberman, na qual o autor comente esse “boom” oitocentista da fotografia médica. Diz ele:

Desde los años 60 del siglo XIX, la fotografía hizo una entrada triunfal y triunfalista em el museo de la patología. Sólo ella era capaz de revelar hasta el más mínimo defecto. Y se convirtió en un verdadero boom: !la endoscopia fotográfica!, !la anatomia más secreta, por fin revelada!, !tal cual!, !el foco mismo de las enfermedades nerviosas por fin al alcance de la vista y en persona!<sup>6</sup>

Alguns dos pioneiros no uso da fotografia como suporte para o estudo de aspectos da anatomia humana são o cardiologista, cientista, fotógrafo e pioneiro do cinema Étienne-Jules Marey (1830–1904) e do seu perfeito contemporâneo, o fotógrafo britânico Eadweard J. Muybridge (1830–1904). Os estudos realizados por ambos sobre o movimento humano e animal, bem como a sua estrutura física, foram possíveis pelas inovações técnicas por eles introduzidas nos equipamentos fotográficos então existentes. Abaixo, dois exemplos das sequências fotográficas de Muybridge. A primeira mostra um mulher descendo uma escada e a segunda, um cavalo saltando.

O caso que ora interessa mais diretamente comentar se refere ao uso da fotografia em outro campo da saúde onde o emprego da fotografia não foi menos notável, aquele das doenças mentais. Volto a mencionar o influente estudo de Didi-Huberman, no qual o autor menciona:

---

6 DIDI-HUBERMAN, Georges. *La invención de la histeria*. Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière. Madrid: Cátedra, 2007. p. 52.

Las primeras fotografías de la locura fueron los retratos de las locas internadas en el Surrey County Asylum, en Springfield: calotipos ejecutados, a partir de 1851, por el doctor Hugh W. Diamond, militar e Heraldo del “silente but telling language of Nature”, fundador y Presidente de la Royal Photographic Society of London (1853), Director del Photographic Journal, etcétera, etcétera.<sup>7</sup>

O emprego da fotografia e a criação de séries de imagens da loucura, que passa a ter os seus estágios e as suas formas de manifestação devidamente catalogadas, se expandiu rapidamente pela Europa. Segundo Didi-Huberman:

Ahora bien, todo esto, hablo de la fotografía, no fue capricho de un solo hombre: estaba en el ambiente, como suele decirse. Un arte naciente, ¿podría haber hecho comprender a los psiquiatras su penuria nosológica em relación con los signos visibles de tal ou cual locura? Lo cierto es que en casi todos los rincones de Europa, las locas y los locos se vieron obligados a posar; a quien mejor le hacía, se retrataba.

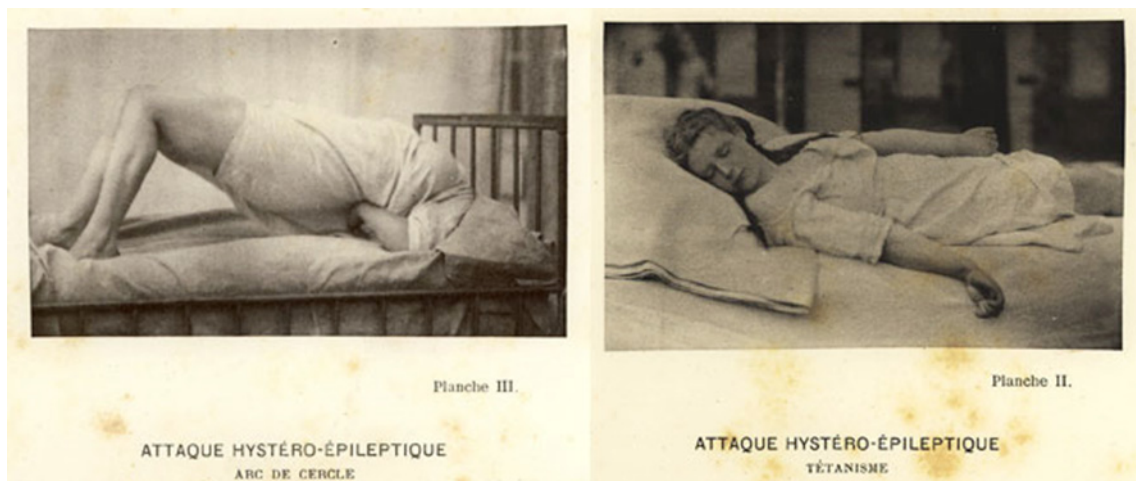
Conservamos em la actualidad algunas colecciones prodigiosas: la del Behtlem Royal Hospital de Beckenham (donde se fotografió al pintor Richard Dadd, internado por parricida); la del Hospital San Clemente em Venecia (um inmenso registro, clínico e administrativo, de los locos... con miles de imágenes).<sup>8</sup>

---

7 DIDI-HUBERMAN, Georges. *La invención de la histeria*. Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière. Madrid: Cátedra, 2007. p. 57.

8 DIDI-HUBERMAN, Georges. *La invención de la histeria*. Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière. Madrid: Cátedra, 2007. p. 59-60.

Dentre todos os Hospitais que utilizaram a fotografia como meio de estudar a loucura, é provável que nenhum tenha chamado tanto a atenção dos intelectuais europeus de então quanto o Salpêtrière e o estudos da histeria levados à cabo pela equipe do Doutor Jean-Martin Charcot (1825-1893). Essa notoriedade se deve tanto à natureza das pesquisas ali desenvolvidas e pela influência dos seus resultados, quanto pela dimensão que a histeria ganhou no século XIX como uma espécie de “doença da moda”.<sup>9</sup> No Salpêtrière passa a composta uma ampla iconografia da Histeria, registrando os diferentes estágios de crises histéricas. Charcot levava, assim, o princípio escópico defendido por Claude Bernard às últimas consequências, apoiado por um recurso técnico que demonstrava inúmeras possibilidades de emprego, a fotografia. Além disso, é preciso que se diga, a histeria é cartografada por Charcot explorando toda a sua carga dramática, manifesta em suas violentas contorções corporais.



Essas imagens, ainda que tenham sido produzidas com objetivos científicos e pretensa neutralidade, não escondem um olhar masculino e pretensamente frio e controlado, sobre a condição feminina em um momento de fragilidade, de crise, de descontrole. A histeria, vista mais tarde pela psicanálise freudiana como uma explosão motivada pelo silêncio com relação à sexualidade, especialmente a feminina, era, ainda no século XIX, explorada, ao fim e ao cabo, como uma ponta em uma teia de representações do espetacular e do grotesco.

9 Como destacou Renato Mezan, a respeito da histeria: “No final do século XIX, por uma série de motivos – entre os quais o excesso de silêncio sobre a sexualidade, principalmente entre as mulheres – a doença da moda é a histeria. Mas não devemos pensar que este termo designava o que hoje se chama popularmente “comportamento histérico” (gritos descontrolados, escândalos públicos, etc.). Na verdade, a histeria é uma dessas formas que o “mal estar na cultura” assumia no apogeu da civilização burguesa.”. MEZAN, Renato. *O tronco e os ramos*. Estudos de História da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 477.

REFERÊNCIAS:

ALPERS, Svetlana. *O Projeto de Reembrandt*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *La invención de la histeria*. Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière. Madrid: Cátedra, 2007. p. 57.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 15-62.

KRUGER, Lawrence. The Scientific Impact of Dr. N. Tulp, Portrayed in Rembrandt's "Anatomy Lesson". *Journal of the History of the Neurosciences: Basic and Clinical Perspectives*. [Volume 14, Issue 2](#), 2005.

MEZAN, Renato. *O tronco e os ramos*. Estudos de História da psicanálise. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

QUÉTEL, Claude. *Histoire de la folie*. De l'Antiquité à nous jours. Paris: Tallandier, 2012.

RIFKIN, Benjamin A.; ACKERMAN, Michael J. and FOLKENBERG, Judith. *Human Anatomy*. Depicting the Body from the Renaissance to Today. London: Thames and Hudson, 2006.